

HRC suspende o atendimento por falta de recurso

5 MAR 1987

A falta de recursos para atender os pacientes de pronto-socorro, além dos internados na enfermaria, obrigou os médicos de plantão no setor de Pediatria do Hospital Regional da Ceilândia a suspender o atendimento na manhã de ontem quando havia 75 crianças com problemas. No Hospital Regional de Taguatinga, para onde foram mandadas as excedentes, a situação era idêntica, tendo os médicos sido obrigados a colocar mais de uma criança por berço, usando ainda os balcões. A cada dia é maior o número de pedidos de demissão da Fundação Hospitalar. Só ficam "os mais necessitados".

Em ambos os hospitais a lotação de pessoal é insuficiente para atender a demanda. No HRC havia dois pediatras de plantão e em Taguatinga três. A falta de medicamentos é outro problema, não havendo, às vezes, segundo a chefe de equipe do HRT, o básico para atendimento de pronto-socorro. Os médicos trabalham sob pressão constante e sofrem ameaças dos pais das crianças. Na Ceilândia, há seis meses, um médico foi obrigado a fazer um atendimento sob a mira de uma escopeta. O caso foi abafado a pedido do próprio médico.

DESESPERO

Ao assumir seu plantão, às 7h de ontem, no HRC, juntamente com seu colega Petrônio, o pediatra Rogério Lobo encontrou lotados os 13 leitos da enfermaria assim como os oito boxes, com dois leitos cada, além de macas com crianças pelo corredor. Uma extensa fila formava-se junto à mesa da funcionária encarregada de preencher as fichas. Rogério e Petrônio, antes de iniciar o atendimento aos que estavam na fila, tinham de revisar cada uma das crianças internadas a fim de verificar as que podiam ter alta.

Algumas das crianças estavam com febre alta, outras com vômitos e diarréia, dando sinais de desidratação. Os médicos tiveram de alternar o atendimento aos internados com assistência aos casos de maior urgência. Para eles, a situação só não foi pior porque os acompanhantes mostravam-se calmos, sem

fazer as ameaças que costumam surgir nestas ocasiões.

Ao ver as papeletas se acumularem na mesa de triagem, um dos médicos ligou para seus colegas no HRT dizendo não ter condições de continuar o atendimento, e que mandaria as crianças para lá. Segundo Rogério Lobo, este setor para funcionar a contento devia contar com cinco ou seis médicos, ao invés dos dois ali lotados. O problema é o mesmo em outras clínicas.

Tanto no HRC quanto no HRT, os diretores estavam ausentes ontem de manhã. No último, a chefe de equipe, Selma Gomes da Silva, que respondeu pelo plantão de 7 às 13h, disse que não havia nada de anormal, embora no setor de Reidratação os três pediatras de plantão tivessem sido obrigados a colocar duas ou três crianças no mesmo berço. Para ela, o problema do hospital "é o que todo mundo está cansado de saber". Os medicamentos básicos para o pronto-socorro estão sempre em falta e os hospitais da rede da FHDF têm de se valer de outros como o HFA e o Presidente Médici, pedindo medicamentos emprestados. A coisa funciona "na base da amizade entre os médicos sendo de caráter quase pessoal". Não se sabe nem se os empréstimos são pagos.

A falta de estrutura da FHDF, aliada aos salários oferecidos, tem sido fator de evasão dos médicos, crescendo a cada dia o número de pedidos de demissão. Somente os que "não têm outra saída", conforme afirmam os médicos, continuam trabalhando. A crise na FHDF agravou-se de seis meses para cá, principalmente no que se refere aos medicamentos.

No HRT já houve dias de as equipes trabalharem por 24 horas ininterruptas, com os profissionais se revezando a cada seis horas. Além da sobrecarga provocada pelos excedentes do HRC, o HRT enfrenta ainda a greve dos médicos residentes que já entrou na segunda semana. O trabalho normalmente executado por eles está sendo feito pelos médicos mais抗igos, que com isto diminuem a assistência dada a seus setores.